



A ROSA BRASILEIRA

JORNAL DOS DOMINGOS DEDICADO AO BELLO SEXO

VOL. IV.

DOMINGO 16 DE ABRIL DE 1853.

N.º 8.



A ROSA DO SEPULCHRO

I.

A VESPERA DE S. JOÃO

(Continuação.)

Imagine o leitor, uma joven airosamente desenvolvida nos seus quatorze annos; dê-lhe o sentimentalismo profundo da heroina da rica producção—*Le Lys dans le vallee*—de M. Balzac; conceba nesse todo assim creado idealmente, a suavidade, e a melancolia de uns olhos haes magneticos; revista—o de uma cutis delicada, de uns labios breves, e como que não formados para a expressão da alegria; orne-lhe a sua fronte de uns bastos cabellos negros, e tendo composto a sua boca com uns bellos e alvissimos dentes; julgando então que o seu ideal sahio completamente formoso, e que

nada lhe faltou para formar o exterior de um anjo, diga o leitor, que traçou inadvertidamente, o retrato da nossa Ethelvina.

Dissemos que ella procurava ver a alguém que ainda não tinha visto; mas antes mesmo que podesse satisfazer a sua curiosidade, senão ao seu desejo, o Sr. Manoel Cabiuna, introduzindo dois dedos na boca soltou um agudissimo assobio, que surpreendeu-a, e desviou-a do seu intento.

—O que é isto? perguntou o Sr. Jataby admirado

—Ides ver! ides ver!

—O que?

—Já disse que ides ver! respondeu ainda o Sr. Manoel Cabiuna. E poz-se em seguida a gritar descompassadamente.

—Oh! Gregorio! Oh! Gregorio!

—Já vou! respondeu indistinctamente uma voz ao longe.

Então a um grito do Sr. Manoel Cabiuna toda a comitiva desapareceu correndo, e a joven Ethelvina vio-se só por que a curiosidade levára tambem a seu pai a poz os fugitivos.

Foi então que um pensamento secreto compungio o seu coração. Ella elevou os seus bellos olhos a Deos, e deixou que a phantasia a transportasse mysteriosamente para um novo ceo, creado unicamente por ella, e no amoroso cogitar de seus virgens pensamentos.

Então assim impressionada, veio collocar-se ante a sua pobre janella, onde o valente Tupy deitou-se resolutu, como conhecedor da responsabilidade que pezava sobre elle, na qualidade de sentinella de tão precioso thesouro.

Alem ouvia-se o mormurio como que imperceptivel, produsido pelas vozes dos fugitivos roceiros. A cima de tudo, o ceo mostrava-se em toda a sua magnitude, bello, e sereno!

E a lua desferia raios tristes, e suavemente melancolicos!

Quem sabe si nesse momento em que a linda donzella, deixando o seu pensamento vagar pelas regiões desconhecidas que ella mesmo creava, quem sabe, si là — bem longe! — ella ia descortinar uma unica palavra, escripta talvez em uma perdida estrella, bafejada pelas brisas do Ceo? Quem sabe si essa palavra — amor — arroubava os seus sentidos, e si ella assim isolada, notava em torno dessa mesma estrella, mil vezes repetida, ainda uma outra palavra que lhe pungia o coração,

por que tambem o coração em cada palpar tambem — saudade — repetia?

Podesse-se penetrar os reconditos pensamentos da mulher que ama, desse ente todo sensibilidade, e nesse ponto superior ao homem, por que a sensibilidade é o doce caracteristico da sua vida; e a sua vida è toda notavel pelo doirado eloque a encadea á Deos, — amor! — que certamente, o homem abysmar-se hia, ao ver de mistura nesses pensamentos, tanta religião! tanto amor! e tanto fanatismo pela sua dedicacão á aquelle a quem ella escolheu para ser o companheiro da sua peregrinação na terra!

Mas a liberdade de penetrar em toda a parte, somente gosam os authores, e nós nessa qualidade, podendo mesmo transpormo-nos para alem desse veu impenetravel ao leitor, dir lhe-he-mos, que nesse instante, a nossa Ethelvina, erguera-se á cima do commum, por que nesse instante os seus pensamentos a elevaram a Deos, e a ellevaram tão fervorosamente, que o seu desejo estava satisfeito, visto que para junto della alguém acabava de chegar, e uma voz lhe dizia cheia de efusão:

—Encanto de meu Deos! Eis-me ainda aqui! Eu não parti!

Ethelvina soltou um grito de surpresa, e prostrando-se de joelhos, e erguendo seus olhos ao Ser dos Seres, tomou a mão daquelle que acabava de chegar, e com a outra apresentando-o ao seu Creador, exclamou cheia de reconhecimento:

—Obrigada, Senhor! A vossa misericórdia é infinita!

Então o seu amante ajoelhou-se também á seu lado, e arrastado pelo seu exemplo, também exclamou:

— Meu Deos, e meu Senhor! A vossa misericordia é infinita!

E lagrimas de amor banharam os olhos destes reconhecidos amantes.

(Continua.)

A PERJURA.

(DEVANEIO)

TENTAS em vão, ardilosa mulher, de novo atear em meu peito todo esse fogo, que em cinzas já não se pode renovar! Não busques de amor novas traças, que meu coração de ha muito não te crê! Artificio, mensagens, feitiço, oh! de tudo me rio, por que já-mais comprehendestes o amor do poeta!.

Perjura! — em vão te canças; esquece-me! — o Trovador inexperto não tem fé em tuas palavras — por que mentistes; por que de teus labios jamais se escapou uma frase de amor que sahisse do coração; porque outr'ora — illudido, elle julgava gozar venturas na taça do praser e embriagado sorria todo o odôr que derramava essa taça com as bordas untadas de mel, e lá foi encontrar no fundo — bem no fundo, fel — sómente fel!...

Chora o teu passado, e crê que elle jamais voltará, pois o mundo te aponta — *perjura* — e tua formosura gentil — tuas graças, o ar esbelto de teu corpo desaparecem quando em tudo isto está a serpe do perjurio escondida!

Mulher ou demonio que fizeste de tanto amor que te votou o poeta? Que negro trama urdiste no inferno para rasgar todas as fibras do coração humano?! Um perjurio! E é este o premio que dás a amor? E ris-te? E ainda em teus labios fementidos passará uma frase amorosa para esmagar um coração. para destruir um futuro?!

Quebrastes a Lyra do poeta; não mais modula elle suas ternas e amorosas canções, mulher que és tu na terra?

E's acaso um composto do inferno,
E do abismo, e do mar e das furias?
— Dás a morte, — és remóra, ou sereia
Com teus labios de calvas mellurias.

I. R.

POESIAS.

QUERES SABER?

Queres saber um segredo,
Segredo do coração?...
Não te zangas? se souberes,
Não te zangas, diz-me—não?

Pois então eu vou contar-te;
Atenção, debes-me ouvir;
E' segredo verdadeiro,
Que eu nunca soube mentir!

Mas não me olhes assim,
Que me vaes matar de amor,
Tous olhos tudo aniquillam
Luzindo com alma fulgôr.

Não me olhes—que eu perdido
Nada posso então contar;
Não direi-te o meu segredo
Que eu heide sempre te amar!

Sorris-te?!... então duvidas?!...
Nada mais quero diser!...
Já dice o meu segredinho,
Heide amar-te até morrer!

S. Christovão, 9, de Março de 1853.

Innocencio Rego.

AINDA HONTEM!

Inda hontem si abrisa me tocasso,
Eu sentira trazer-me vivo odor;
Inda hontem si o echo eu dispertasse,
Somente elle diria:—amor! amor!—

Inda hontem por sobre um verde prado
Eu via serpeiar meigo ribeiro;
Inda hontem eu notava em doce agrado
Pelas varzeas correr tenro cordeiro.

Inda hontem, si males eu sentisse,
Minha Mãe estaria junto a mim!
Inda hontem si triste eila me visse,
A tristeza tambem teria alfim.

Inda hontem tristonha choraria
A meu lado por mim querida irman;
Inda hontem tranquillo eu lhe diria—
Para longe de ti parto amanha!

Inda hontem, pezares sem origem,
Eu julgava, meu Deus! os da saudade,
Eu via no sorriso d'uma virgem
Um se'cto de ventura, e f'licidade!

Inda hontem eu as brisas fui contar
P'ra que as brisas tambem hoje lhe contem,
Que em segredo jurei constante amar,
Só á ella, meu Deus!—ainda hontem!

Quintana Junior.

CHRONICA SEMANARIA

Eis-nos chegado ao ultimo dia da semana, e o tal Sr. compositor a martelar-nos os ouvidos com a implicantte pergunta — não ha *chronica*? e isto como se fôra um relógio de repetição, sem se lembrar que é um verdadeiro martirio taes importunações, e que o pobre Redactor de uma folha é uma victima a quem ciles torturam horriavelmente; por

que na verdade, não ha martyrio maior no mundo que soffrer um compositor e as suas provas !!

E escreva-se tiras de papel; confie-se a este todos os bellos pensamentos,—que'lá está o Sr. compositor, que horriavelmente descarregará o cutello, e assassinará muitas vezes o mimoso idolo do redactor — aquillo que elle mais presava.

Mas que fazer? o escrever é uma mania, e nós somos maniacos por esta nossa tão querida e tão idolatrada *Rosa Brasileira*; e assim — que remedio senão atturar os compositores, e astaes decantadas provas?! ..

— E a *chronica*?

Eis-nos com elle. Mas que havemos nós de escrever de *chronica* n'uma semana que tanto promettia, e que passou tão tristonha, cheia de chuva e até luctuosa?

Bailes? não houveram, e apezar de estarem annunciados alguns para o sabbado, transferiram-se sem que saibamos o motivo.— Theatros, festas religiosas e funebres occuparam a semana.

Pois bem, digamos alguma cousa a esse respeito, e em primeiro lugar tratemos do theatro de S. Francisco na noute de sabbado.

Para festejar o seu anniversario natalicio a Sociedade Dramatica Particular — *Amaoznas* — apresentou um florido e pomposo espectaculo. O pequeno theatro decorou-se com todo o gosto e brilhantismo. As janellas da frente ornadas de lindas colchas de damasco, e illuminadas por globos; a sala do theatro toda armada de bonitas sedas e flores, e as centenares de luzes, apresentava tudo uma interessante vista, que se

tornava mais encantadora pelas lindas estrellas que brilhavam nos camarotes. A' porta do edificio se achava postada a muzica dos menores, que executou lindas peças á entrada das familias, e que se conservou até o fim, tocando bonitas simphonias nos intervallos do espectáculo.

A orchestra do theatro foi augmentada, e brilhou.

Parece-nos que alguma das nossas amáveis leitoras nos estará ahí perguntando—e as madamas, eram lindas?

—Oh! lindissimas! Haviam anjos que enchiam a alma de uma pobre creatura de uns sonhos de amor tão ternos, que faziam cuidar que eram celestes porções da divindade os meigos risos que pairavam nos labios de muitas dellas.

—E qual era a rinha das bellas?

—Eis uma pergunta bem difficil de ser respondida. Se a maior parte dellas eram tão lindas, como escolher uma e dar-lhe a coroa de Soberana? Para nós, confeçamos, em um tão mimoso boquet de frescas flores, não havia predilecta porque todas ellas

*Eram flores de meigos encantos
Sorrindo esperanças de amor;
Perfumes do Ceu cá na terra
Mostrando o poder do Senhor.*

Mas á alguém, a sympathica moça do camarote da segunda ordem lado esquerdo, lá bem para a caixa, era a mais bella de todas, e quizera acclamal-a a rainha dessa reunião; mas um dos nossos trovadores tanto se enfeitiçou por uma pallida da primeira ordem, que não cessava de repetir como o poeta:

*Lua encantada pallida, chorosa,
Que pensa só na terra desditosa,*

*Sorri por um instante:
Meigas virgens que rosas desfolhaes
Nas sepulturas;—sombas que passaes
Olhai-a dellirante,*

Uma travessa moreninha porém atrahiu muito as attentões de todas; —não sei o que tem uma moreninha, e de olhos pretos, que o coração sente a mais doce emoção quando a contempla!...

Mas como vamos discorrendo a larga, sem nos lembrar que o tal Sr. compositor grita-nos por originaes; e ainda não fallemos da representação; mas tambem o que dizer? que nada em scena correspondeu ao festejo do dia. A Directoria da Sociedade apresentou um festejo brilhante; o ensaiador porém não teve boa escolha, nem no drama, nem na distribuição das partes: fôra disto tudo o mais mereceu muitos e muitos elogios.

Nesta mesma noute o theatro de S. Theresa em Nictheroy trajou todas as gallas para apresentar um espectáculo de festejo ao anniversario do natalicio de S. M. a Imperatriz, e Juramento da Constituição. Representou-se a grande tragedia — *Nova Castro*, muito bem executada; e as primas donas as Sras. Zecchini, e Candiani cantaram o duetto popular do 2.º acto da *Norma*.

O povo de Nictheroy encheu o theatro. As primas donas forão bem applaudidas, bem como a Sra. Baderna que tambem se apresentou ao publico Nictheroyense pela primeira vez.

Digamos agora tambem alguma cousa á cerca da grande e pomposa festa, que fez no domingo a irmandade do SS. Sacramento, na sua freguesia.

O Templo riquissimamente armado, e com gosto, demonstrou o quanto é perito na sua arte o armador Joaquim Ferreira Lopes, que esmerou-se em apresentar uma armação que mereceu muitos louvores. A musica da missa e do Te-deum foi a de Pedro Teixeira dirigida pelo Snr. Chaves. Os oradores foram de manhã o Sr. Barbosa França, e a noite Fr. João de S. Candida.

Notou-se na banquetta do altar mór um delicado trabalho de flores de cera que nos dizem ser feitas pelo Snr. Chaves empregado da Igreja.

Para maior brilhantismo da festa distribuiu-se por 10 irmãs, e 2 irmãos pobres as esmollas de 500 cada uma, deixadas em legados pelo finado irmão bemfeitor o Sr. João José Lopes Ferraz.

A alma do verdadeiro christão se expande em prazer e alegria quando vê assim render se cultos á Magestade Divina.

O theatro de S. Pedro representou nesse dia uma linda comedia, original francez o — *Chapeo de patinha de Italia*, que foi bem recebida pelo publico, e que é justo confessar ser bastante esperituosa, e enriquecida de divertidas scenas. Os principaes papeis forão optimamente executados, e o Sr. Martinho sobre tudo brilhou muito.

Na segunda e terça feira celebrou-se na Capella Imperial as exequias de S. A. a Serenissima Princesa a Sra. D. Maria Amelia; havendo matinas, officio funebre, e oração pelo Rv. Fr. Antonio do Coração de Maria. O Templo todo luctuoso apresentava no centro um riquissimo mausoleu, guarnecido de luzes,

do alto do qual pendia o retrato da Serenissima Princesa coberto de um véo negro.

SS. MM. II., os Snrs. Ministros, Conselheiros d'Estado, membros do Corpo Diplomatico, pessoas da Corte, e grande povo assistiram á estas solemnidades religiosas.

A cidade esteve toda luctuosa, o serviço da tropa foi feito em funeral, e as fortalezas e navios de guerra surtos no porto salvaram de manhã e á tarde, e de quarto em quarto de hora.

O resto da semana não tivemos senão chuva, e chuva em abundancia.

— Não ha *chronica*?

Eis-nos outra vez com o tal Snr. compositor; nem já nos lembravamos d'elle.

— Aqui está a *chronica*, levai-a; mas cuidado com as provas, não assasineis alguma cousa de bom que por ahi houver. E no mais até o numero que vem.

SEMANA LYRICA.

A bella estação do inverno, parece não estar muito satisfeita com nosco, e apezar das incessantes preces que todos dirigem ao Altissimo, para que nos livre dos desapiedados rigores da estação calmosa; o verão tem sido cruel nestes ultimos tempos de sua passagem: de sorte que estamos em meado de abril e a influencia da zona torrida cada vez é mais poderosa; como não são grandes os nossos peccados! — Mas a Providencia que por sua infinita misericordia, não cessa de derramar sobre o nosso povo os beneficos

effluvíos de sua omnipotencia, mandou que se abrissem os diques da atmosphera, e que a terra se convertesse em um oceano, que banhando em toda a sua plenitude a cidade, a refrigerasse, humedecendo e modificando a vasta planicie do Janeiro, que parecia arrasada por um volcão.

Mas, muito christão, e muitas almas sanctificadas pelo amor... de Deos, não esperavam que tão desejado diluvio, inundasse a capital na tarde e noite de 13 de abril, que foi quarta feira, e nessa classe de descontentes, achava-se um grande numero, entre nós conhecido pelo caracter especial de—dilettantis—que são justamente os mesmos que dia e noite pensam e frequentam o theatro.

Ora está visto, que no dia 13 para essa classe não devia chover, e então do modo copiozissimo, por que se houve a tormenta.

Quem supporia que houvesse expectaculo no Provisorio? Havia quem apostasse valendo-se, da causa, de não terem lido em parte alguma contra annuncio, e na verdade, a não ser o diluvio, por certo que nenhuma outra razão poderia de boamente obstar a que a empresa cumprisse com aquelle dever, de dar o expectaculo annunciado, que a nosso ver, foi de muita justiça executar-se sem attender se ao obstaculo do tempo, tanto mais, que por esse modo evitava-se a acrimoniosa censura, que por *nimio zelo* sempre apparece, quando, julgando proceder-se em regra, — o tempo obsta a execução dos expectaculos annunciados. E depois que ha de novo nisso? quem pode, e quer,

—vai, e pelo menos na Europa passa por julgado, que nas noites chuvosas, melhor se distrahe o dilettanti, quando frequenta o theatro, ha nisso alguma cousa de aristocracia mesmo. Nós que aqui vamos escrevendo isto, lá estivemos apezar de tudo, e da muita chuva que já haviamos apanhado apreciando muitos episodios que sempre se dão, quando as nossas ruas se transformam em mares, apparecendo logo como unicos meios de transportes, essa alluvião de *jangadas*, pretos que por 40 rs. vão passando de um para outro lado todo e qualquer pacifico cidadão.

E como disiamos, sem nos sorprendemos, por haver expectaculo no Provisorio, lá fomos parar, e sentimos ver deserto aquelle vasto salão: —com tudo passamos uma noite repleta de agradaveis sensações— e satisfeitos cumprimos a nossa promessa de leaes e denodados dilettantis, ainda que nessa promessa, percebessemos no prazer de um amigo, que estava a nosso lado um que de amargo, —pois nos repetia, (—que coração e que phantasia de poeta) estas expressões.

Meu enjo, minha irman, meu Deos, meu tudo!

Por que foges de mim?...

Ao triste coração que por ti soffre

Não pagues mal assim!

Ernani do maestro *Verdi*, era a opera; todas as considerações que fizemos á uma semana, ainda são sem reserva as que se devem combinar ás que podiamos em rapido esboço apresentar agora: cumpre porem em abono da justiça, confessar que muito mais nos agradou a repetição dessa brilhante opera de *Verdi*: A

Sra. Zecchini foi mimosaçada no 1.º acto com um lindo bouquet, o que despertou nos poucos que lá estavam, applausos taes, que dir-se-hia, haver numero completo para fazer casa; mas fizeram bem, por que deram provas, de que ainda muito poderoso é o canto magestoso da nossa prima donna.—Até os céros foram bem, e a opera appareceu com as melhores disposições artisticas. A musica é arrebatadora! Já que não tivemos occasião de fallar da vez passada no Sr. Ribas.—digamos o que diríamos então:—por muito tempo não ouviamos esse artista, tinhamos desejos, mas desta vez só nos lembramos ao ouvil-o que mais agradaria em—Torquato Tasso, cujos applausos, soube já outr'ora captar: entretanto cumpre dizer, não satisfazendo a sua voz: tem mesmo mellodias e é toda caracterisada, por uma suavidade, que não deixa de dar-lhe muita — expressão — Em quanto ao Sr. Gentil,—já sabe qual é nossa opinião a respeito de sua arte. — Depois da opera, seguiu-se o baile do Sr. Villa, e durante a sua execução, — vimos um certo grupo, *distinguir-se*, e dar provas de que realmente a noite era tempestuosa... Aguardemos outra occasião, para melhor discernmos sobre a nossa tarefa.—

ENIGMA.

Sou inimigo da festa ;
 Não gosto tambem de orgia;
 De morte aborreço o dia ;
 Mas amo da noite o réo ;

Quando este por todo o mundo
 Se desdobra totalmente,
 Desço à terra entao contente
 Lá das alturas do céu.

Sou filho de Deos e habito
 Co' os Anjos no paraizo :
 Com angelico sorriso
 Eu acolho o moribundo.
 Pelos sertões embrenhado,
 Amo as suas soledades,
 E só gosto das cidades
 Quando a noite cobre o mundo.

Não gostando dos combates,
 Todavia vou à guerra;
 E por mim mil vezes berra
 Ao soldado o capitão :
 Nos collegios, nos navios,
 Mesmo em casa muitas vezes,
 Depois de muitos revêzes,
 Faço a minha habitação.

Finalmente em toda a parte
 Tenho dominio superno;
 Só no escuro e negro inferno
 Nunca pude dominar ;
 Porque sendo de Deos filho,
 Vivendo co'o Omnipotente,
 N'esse chão de horror fremente
 Jámais posso lá entrar.

L. M. Pecegueiro.

AVISO

Os Snrs. assignantes da *Rosa*, que estiverem atrasados, com as assignaturas podem satisfazer ao distribuidor da folha, ou no escriptorio.